



## MACHISMO NO FUTEBOL: UMA HERANÇA COLONIAL

### SEXISM IN FOOTBALL: A COLONIAL HERITAGE

### MACHISMO EN EL FÚTBOL: UNA HERENCIA COLONIAL

Otávio Nogueira Balzano<sup>1</sup>  
João Alberto Steffen Munsberg<sup>2</sup>  
Gilberto Ferreira da Silva<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo trata do machismo no futebol – uma herança colonial –, estando naturalizado na sociedade brasileira. Objetivamos analisar os efeitos, na visão de profissionais de Educação Física, de práticas e posturas machistas no futebol e apresentar indicadores para uma proposta de ensino que contribua para a erradicação, ou pelo menos para a mitigação, desse preconceito no futebol. Como metodologia utilizamos a análise crítica de discurso (ACD), de Van Dijk, na perspectiva decolonial. Concluímos que para combater o machismo no futebol as instituições educacionais e os clubes de futebol podem, de forma colaborativa: valorizar a disciplina de futebol nos seus currículos; selecionar profissionais capacitados nesse esporte; proporcionar infraestrutura adequada à sua prática; enfatizar a formação humana; e desenvolver campanhas educativas.

**Palavra-chave:** Futebol; Machismo; Herança colonial; Decolonialidade.

**Abstract:** This article deals with machismo in football – a colonial heritage – being naturalized in Brazilian society. We aim to smooth out the effects, in the view of professionals of Physical Education, of practices and sexist postures in football and to present indicators for a teaching proposal that co-assigns to the eradication, or at least for mitigation, of this prejudice in football. As methodology we used van Dijk's critical discourse analysis (ACD) from a decolonial perspective. We conclude that to combat machismo in football educational institutions and football clubs can collaboratively: value the discipline of football in their curriculum; select trained professionals in this sport; provide adequate infrastructure to their practice; emphasize human training; and develop educational campaigns.

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação. Professor da Universidade Federal do Ceará (UFC). Membro do Grupo de Pesquisa em Educação Intercultural (GPEI). E-mail: otaviobalzano@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Doutor em Educação. Mestre pela Universidade La Salle (UNILASLLE). Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Educação Intercultural (GPEI). E-mail: prof.jasm@gmail.com

<sup>3</sup> Doutor em Educação. Professor da Universidade La Salle (UNILASLLE). Líder do Grupo de Pesquisa em Educação Intercultural (GPEI). Pesquisador do CNPq. E-mail: gilberto.ferreira65@gmail.com

**Keywords:** Football; Sexism; Colonial heritage; Decoloniality.

**Resumen:** Este artículo trata sobre el machismo en el fútbol – una herencia colonial – naturalizada en la sociedad brasileña. Nuestro objetivo es suavizar los efectos, en opinión de los profesionales de la Educação Física, de las prácticas y posturas machistas en el fútbol y presentar indicadores para una propuesta de enseñanza que contribuya para la erradicación, o al menos para la mitigación, de este prejuicio en el fútbol. Como metodología utilizamos el análisis crítico del discurso (ACD) de van Dijk desde una perspectiva decolonial. Concluimos que para combatir el machismo en el fútbol las instituciones educativas y los clubes de fútbol pueden colaborar: valorar la disciplina del fútbol en su currículo; seleccionar profesionales capacitados en este deporte; proporcionar una infraestructura adecuada a su práctica; enfatizar la formación humana; y desarrollar campañas educativas.

**Palabras clave:** Fútbol; Machismo; Patrimonio colonial; Decolonialidad.

## 1 Introdução

Este trabalho é um recorte da tese intitulada “O ensino do futebol na perspectiva decolonial: desgastando a produção de sujeitos ‘pés de obra’ – da formação na educação superior aos clubes esportivos”.

Em um mundo globalizado, raízes do colonialismo – típico da modernidade – ainda permanecem vivas na sociedade. Mesmo após o processo de descolonização de países ao redor do mundo, as marcas da colonização persistem e ainda se reproduzem. E o esporte – mais precisamente o futebol –, um dos mecanismos da modernidade, também transmite e sustenta essas heranças coloniais. Apesar de o futebol ser um esporte democrático em sua essência, sendo praticado por pessoas no mundo inteiro, com mais federações nacionais ligadas à FIFA, órgão máximo do futebol, do que nações integrantes da Organização das Nações Unidas, traz à tona uma série de problemas. No caso do Brasil, um dos maiores problemas é o machismo sofrido por jogadoras, profissionais de Educação Física, de imprensa, comissões técnicas, torcedoras, entre outras.

Sobre essa questão, é fundamental o entendimento das causas e como essa questão se desenvolve e, a partir disso, tentar entender como o futebol pode ser útil no processo de descolonização de heranças da modernidade como o machismo. Nesse sentido, com este texto objetivamos: a) analisar os efeitos – na visão de profissionais de Educação Física (EF) – de práticas e posturas machistas no futebol; e b) apresentar indicadores para uma proposta de ensino do futebol que contribua para a erradicação do machismo no futebol.

O texto está estruturado em três tópicos, além desta introdução e das considerações finais. No primeiro tópico, apresentamos as decisões metodológicas da pesquisa, com ênfase na

entrevista semiestruturada. No segundo, analisamos, respaldados pela análise crítica de discurso (ACD) de Van Dijk, as práticas e posturas que contribuem para o machismo no futebol na visão dos profissionais de EF. No terceiro tópico, apresentamos indicadores para mitigar o machismo no futebol na escola, clube e universidade.

## 2 Decisões metodológicas

Ao optarmos por uma metodologia decolonial<sup>4</sup>, buscamos uma aproximação com a realidade da América Latina, que requer outras visões de mundo capazes de lidar com as crises da modernidade, levando em consideração os conhecimentos e experiências das culturas locais. Nesse sentido, apoiamo-nos em conceitos de Fals Borda (1973, p. 9):

[...] trabajar arduamente con nuestros materiales y realidades, tratando de articular nuestras respuestas con fórmulas, conceptos y marcos de referencia de aquí mismo [...] fortalecer la investigación autónoma e independiente de los hechos sociales, estimulando el pensamiento creador y la originalidad.

Fals Borda propõe um pensamento sobre a região, elaborado na própria região, preocupado em interpretar e dar soluções próprias e originais aos principais dilemas sociais e políticos da América Latina.

Quanto à abordagem, trata-se de pesquisa qualitativa. O diferencial das pesquisas qualitativas, em relação às quantitativas, refere-se à inclusão da subjetividade, pois não é possível pensá-las sem a participação do sujeito. Conhecendo o evento profundamente, poderemos melhor descrever, interpretar, explicar e compreender as percepções e os significados desse grupo em particular – os profissionais de EF que trabalham com o ensino do futebol no clube e na universidade e a sua relação com o machismo no futebol.

O estudo foi realizado em três Instituições de Ensino Superior (IES) que possuem cursos de EF, na Região Metropolitana de Porto Alegre, e em três clubes de futebol do Rio Grande do Sul. A escolha dessas instituições visou a atender interesse deste pesquisador, considerando que nesses locais tivemos facilidade de acesso, face ao bom relacionamento profissional com os coordenadores das instituições.

Para preservar a identidade das IES-EF, adotamos as seguintes designações: IES1, IES2 e IES3. Já as instituições esportivas, os Clubes de Futebol (CF), além de estarem localizados no Estado do Rio Grande do Sul, deveriam possuir: profissionais formados ou que estejam cursando EF; equipe sub-16/17 que participe de campeonatos na categoria; equipe principal que participe da série A do campeonato gaúcho de futebol; e comissão técnica específica para a categoria sub-

---

<sup>4</sup> Aderimos à opção decolonial porque acreditamos que ela seja epistêmica, isto é, se desvincula dos fundamentos genuínos de conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento. Por um desvincular epistêmico não queremos dizer abandono do que já foi institucionalizado em todo o planeta. Pretendemos ressignificar o conhecimento da história imperial do ocidente dos últimos cinco séculos, em que pessoas, conhecimentos, línguas, religiões, conceitos políticos e econômicos, subjetividades e outros foram racializados/marginalizados. A opção decolonial significa – entre outros sentidos – aprender a desaprender, já que nossos cérebros tinham sido programados pela razão imperial/colonial.

16/17<sup>5</sup>. Para preservar o nome dos clubes de futebol, adotamos como identificação: CF1, CF2 e CF3.

Participaram da pesquisa dezessete profissionais de EF, assim distribuídos: três professores de EF de IES que ministram ou ministraram disciplinas de futebol; três coordenadores de EF que ministram ou ministraram a disciplina de futebol na IES; quatro treinadores da categoria sub-16-17 de CF; três preparadores físicos da categoria sub-16/17 de CF; dois coordenadores técnicos dos CF que trabalham com a categoria sub-16/17; e dois coordenadores gerais das categorias de base dos CF. Para preservar a identidade das instituições e dos profissionais de EF participantes da pesquisa, utilizamos letras e números para identificá-los. Letras para designar a função do jogador, seguidas do local de trabalho – IES ou CF. Utilizamos números para diferenciar as instituições.

A seguir, relacionamos instituições e profissionais: CoEF-IES1 – coordenador de Educação Física da Instituição de Ensino Superior 1; PF-IES1 – professor de futebol da Instituição de Ensino Superior 1; CoEF-IES2 – coordenador de Educação Física da Instituição de Ensino Superior 2; PF-IES2 – professor de futebol da Instituição de Ensino Superior 2; CoEF-IES3 – coordenador de Educação Física da Instituição de Ensino Superior 3; PF-IES3 – professor de futebol da Instituição de Ensino Superior 3; CGCB-CF1 – coordenador geral das categorias de base do clube de futebol 1; CoT-CF1 – coordenador técnico das categorias sub-16 e sub-17 do clube de futebol 1; TF17-CF1 – treinador da categoria sub-17 do clube de futebol 1; PF17-CF1 – preparador físico da categoria sub-17 do clube de futebol 1; TF16-CF1 – treinador da categoria sub-16 do clube de futebol 1; PF16-CF1 – preparador físico da categoria sub-16 do clube de futebol 1; CoT-CF2 – coordenador técnico da categoria sub-17 do clube de futebol 2; TF17-CF2 – treinador da categoria sub-17 do clube de futebol 2; CGCB-CF3 – coordenador geral das categorias de base do clube de futebol 3; TF17-CF3 – treinador da categoria sub-17 do clube de futebol 3; PF17-CF3 – preparador físico da categoria sub-17 do clube de futebol 3.

Nesta pesquisa, dividimos os participantes em dois conjuntos, a partir da orientação profissional/social/cultural, ou seja: participantes das Instituições de Ensino Superior em Educação Física – IES-EF – (Conjunto I) e participantes do clube de futebol (Conjunto II). Os participantes da pesquisa foram convidados a responder à seguinte pergunta: “Você entende que existem preconceitos – machismo – no futebol? Se sim como?”

Para a análise dos dados utilizamos os seguintes instrumentos: entrevistas semiestruturadas; diário de campo; observação participante – a relação

---

<sup>5</sup> Escolhemos profissionais de instituições esportivas que trabalham com a categoria sub-16/17 porque, a partir desta faixa etária, os treinos se tornam diários e têm uma maior cobrança do clube no âmbito da *performance* futebolística. Outra justificativa é porque no Brasil a Constituição Federal (1988) proíbe que menores de 14 anos trabalhem e, dos 14 aos 16 anos, somente como aprendizes. Portanto, qualquer projeto de prática do esporte promovido por clubes com participação de menores de 14 anos deve possuir caráter educacional, evitando a seletividade e a hipercompetitividade, como disposto na Lei Pelé (BRASIL, 1998) e na Nova Lei Pelé (BRASIL, 2011), em seu artigo 3º inciso I.

estudante/professor/técnico/preparador físico e as situações extras que apareceram no decorrer das observações; análise documental – as propostas das IES-EF, as ementas das disciplinas de futebol. Em relação aos clubes, consideramos as propostas para as categorias de base.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo comitê de ética de duas IES de EF, via plataforma Brasil. A primeira foi a IES3: CAAE – 19579019.2.0000.5307; Parecer n. 3.622.692: O pesquisador atendeu a todas as recomendações do Parecer nº 3.568.544. A segunda foi IES1: CAAE – 19579019.2.3001.5308; Parecer nº 3.751.358: O projeto está aprovado conforme a Resolução nº 466/12 do CNS.

### 3 Resultados e análise dos dados

Em vista da dificuldade de uma metodologia decolonial, e observando, na literatura, propostas híbridas<sup>6</sup> para pesquisas nessa perspectiva, identificamos na ACD (Análise Crítica de Discurso) sócio cognitiva<sup>7</sup> de Teun A. Van Dijk uma proposta de análise de dados alinhada com nossa pesquisa. Assim, nos propomos a analisar criticamente o preconceito machismo no futebol, na universidade e no clube, através de uma análise social, cultural e política dos professores/pesquisadores. Segundo Van Dijk (2013), a ACD não fornece um método pronto para o estudo dos problemas sociais, mas enfatiza que, para cada problema social, é necessário fazer escolhas e selecionar as estruturas mais relevantes a serem analisadas no estudo do fenômeno.

Em relação ao machismo no futebol, o Conjunto I enfatizou que o preconceito em relação ao futebol feminino diminuiu, mas ainda existe. “Existe o preconceito sem dúvida no futebol feminino, do futebol masculino” (PF-IES1). [...] “Já o machismo melhorou um pouco em relação a década de 90 quando comecei a ir aos jogos. Hoje a mulher até consegue frequentar os estádios com mais tranquilidade, mas ainda é um ambiente machista” (CoEF-IES1). [...] “Existe preconceito com o futebol feminino, apesar de estar crescendo” (PF-IES2).

O preconceito existente no futebol em relação à mulher é algo histórico<sup>8</sup> e social, e está fortemente ligado à sociedade machista. Conforme Chaves e Capraro (2007), a sociedade em geral age dessa forma: quando uma criança nasce ela é condicionada, desde cedo, a agir de determinada forma e ter certas preferências. Se for menino, ganha carrinhos, armas e bolas, enquanto as meninas ganham bonecas, miniaturas de eletrodomésticos e utensílios. Em consequência, o futebol faz parte das preferências e ações dos meninos, pois, socialmente, jogar uma bola no fim de semana ou sair com os amigos para assistir a um jogo de futebol, são

---

<sup>6</sup> Ver Carvalho Filho *et al.* (2015).

<sup>7</sup> A pesquisa em ACD está, frequentemente, interessada em estudar discursos ideologicamente enviesados, bem como as formas pelas quais tais discursos polarizam as suas representações do “nós” (endogrupo) e do “eles” (exogrupo). Em ambos os níveis de análise do significado – o local e o global –, frequentemente podemos verificar uma estratégia geral de “representação-positiva-de-si” e de “representação-negativa-do-outro”, em que as “nossas coisas boas” e as “coisas ruins dos outros” são enfatizadas, e as “nossas coisas ruins” e as “coisas boas dos outros” são minimizadas. (VAN DIJK, 2013).

<sup>8</sup> A prática do futebol para mulheres foi regulamentada apenas em 08/01/1983, quando o Conselho Nacional de Desportos (CND) oficializou o exercício do futebol e do futebol de salão para mulheres.

importantes instrumentos de socialização masculina.

Conforme Van Dijk (2018), o preconceito não é inato, mas aprendido. Logo, ninguém nasce machista. Para o autor, devemos considerar o meio sociocultural para esse processo de aquisição ideológica e prática. As pessoas aprendem a ser preconceituosas no seu dia a dia, na família, na escola, no trabalho, com a mídia, entre outros. Segundo Pizarro (2014), o preconceito é um legado vivo do colonialismo nas sociedades contemporâneas, sob várias formas de discriminação social, integrando-se às muitas ordens sociais, inclusive, ao futebol. Para o autor, o “futebol moderno” está ligado ao discurso de quem detém o poder, através de atitudes preconceituosas, como o machismo.

Esse mecanismo de subjugação – machismo – utilizado pelos homens para exercer o poder, segundo Grosfoguel (2016), torna o racismo/sexismo epistêmico um dos problemas mais importantes do mundo contemporâneo. Para o autor, o privilégio epistêmico dos homens ocidentais sobre o conhecimento produzido por “outros” tem sido um dos mecanismos usados para favorecer projetos imperiais/coloniais/patriarcais no mundo. A inferiorização dos conhecimentos produzidos por mulheres tem dotado os homens ocidentais do direito epistêmico de definir o que é verdade. Em efeito, o futebol, sendo social e culturalmente um espaço masculino, é um local onde esses mecanismos se constituem. Nessa relação de desigualdade entre os homens e mulheres, segundo Goellner (2005), no futebol masculino a competência dos jogadores é fundamental para transformar o esporte em um empreendimento comercial, mas no jogo das mulheres isso não é suficiente. O interesse da sociedade do futebol é que as jogadoras, além de saber bater sua “bolinha”, sejam bonitas.

Em relação às falas de que o preconceito com a mulher e com o futebol feminino vem diminuído – como: “Hoje a mulher até consegue frequentar os estádios com mais tranquilidade” (CoEF-IES1); “apesar dele estar em crescendo” (CoEF-IES2); “com o futebol feminino, apesar de já estar diminuindo” (PF-IES2) –, admitimos que esse fato seja uma realidade. Hoje as mulheres frequentam mais os estádios de futebol e os campeonatos de futebol feminino são divulgados, mas ainda ocupam um pequeno espaço na imprensa esportiva em comparação ao dedicado aos homens. Neste sentido, para Aragão (2010), a representação da mulher na cobertura esportiva, de forma indireta ou presencial, é limitada a determinado espaço na dinâmica de programas e transmissões, o que contribui fortemente para a manutenção da mentalidade excludente por parte do público. Já em relação à presença nos estádios, segundo Campos (2010), algumas torcedoras, na tentativa de legitimarem-se nesse espaço – conseguindo o aval e o respeito, principalmente dos homens –, buscam a sua diferenciação, reforçando estereótipos e preconceitos outrora criados pelos homens e reforçados pelas próprias mulheres.

Uma situação relevante, que pouco aparece nos discursos sobre a presença da mulher no futebol, diz respeito às mães dos jogadores de futebol e dos futuros jogadores. Durante muito tempo, o discurso era que “o pai estimulava o menino” – “pertencimento” (DAMO, 2003) – para

praticar futebol e era o responsável por esse acompanhamento. Mas, observamos que essa realidade mudou um pouco – hoje as mães estão fazendo parte dessa realidade. Conforme Menezes (2019), a matéria publicada sobre as mães solteiras dos jogadores da Seleção Brasileira de Futebol na Copa de 2018, mostra o protagonismo das mulheres negras e mães solteiras, no acompanhamento dos filhos, netos, sobrinhos e “agregados”, como uma realidade nas categorias de base do futebol brasileiro, situação pouco divulgada pela mídia.

Para exemplificar a realidade analisada acima, trazemos algumas constatações decorrentes da observação realizada dia 30/10/2019 no CF2. Percebemos que pais e mães – estas em maior quantidade – assistem aos treinos. Em suas falas, as mães demonstraram que estão muito envolvidas com o futebol: “Este clube é uma passagem para meu filho, aqui é para eles aparecerem para clubes grandes”; “O atleta X ficou no clube grande porque tinha empresário”; “Sem uma pessoa que seja empresário do meu filho, ele não vai entrar num clube grande”; “Vou contratar um empresário para meu filho”; “Estou vendendo várias camisas de times europeus, Barcelona PSG, Real Madrid”; “Meu filho fez teste no Inter jogou bem, mas como não tinha empresário não ficou”. As mães acreditam mais do que os pais na possibilidade de seus filhos serem jogadores profissionais, como comprovam suas manifestações: “Vou levar meu filho na peneira do time A e do time B”; “Somos nós que resolvemos os maridos não resolvem nada”; “Meu marido nem entende de futebol”; “Pelo meu marido o meu filho nem jogava”; “O meu marido não ajuda em nada”; “Somos nós que patrocinamos o material de nossos filhos”. (DIÁRIO DE CAMPO).

Verificamos que a participação das mulheres no futebol é um fato, mas ainda não sabemos o quanto são respeitadas pelos clubes e treinadores. Essa presença de mulheres acompanhando seus filhos no futebol está transformando uma realidade do passado, que era a presença dos pais no futebol. Mas esse discurso da presença feminina no futebol é pouco comentado. Dificilmente ouvimos ou vemos alguma alusão a esse fato. Neste sentido, para Menezes (2019) parece que existe uma relação contraditória nas famílias que têm como projeto tornar seu filho um jogador de futebol, uma vez que é possível observar o protagonismo feminino na manutenção desta empreitada, seja na chefia da “família solo” ou na agência da gestão familiar e, por outro lado, é preciso considerar a invisibilidade das mesmas. Mais uma vez, observamos o discurso de poder conforme Van Dijk (2013), mas agora ocultando a presença feminina no futebol, pois historicamente o futebol “é coisa de homem” e o discurso patriarcal precisa continuar sendo transmitido pela sociedade.

O preconceito em relação às mulheres reflete-se também no meio acadêmico, como vimos no discurso do Conjunto I, quando a professora de futebol é mulher: “A primeira vez que fui dar a disciplina de futebol, em outra instituição, fiquei muito feliz, porque amo o futebol, mas quando entrei na sala de aula, muitos estudantes disseram: ‘bah! uma mulher dando aula de futebol’” (CoEF-IES2). [...] “Ainda existe muito preconceito com a mulher sendo professora de futebol na

universidade, principalmente dos estudantes homens mais velhos e de quem já trabalha com o futebol, já os estudantes mais jovens entendem melhor a situação” (CoEF-IES2).

O preconceito está instituído em todos os espaços da sociedade, inclusive na universidade, que deveria ser um espaço democrático de liberdade, diversidade, respeito. O preconceito com a mulher no futebol é histórico, em muitos espaços é evidente e em outros é sutil. Nas aulas práticas de futebol na universidade, percebemos que existe essa sutileza “em preservar” a mulher – normalmente só jogam as que possuem condições técnicas, as outras não participam, seja para se preservarem ou porque o tipo de atividade proposta só beneficia quem tem mais habilidade. Essa prática parece muito comum nas aulas de futebol nos cursos de EF, e de alguma forma não incomoda o professor, nem a maioria dos estudantes. Mesmo no curso de EF o “futebol não é para mulher”.

Sobre o acima, buscamos relação com Grosfoguel (2016) e a estrutura do conhecimento das universidades ocidentalizadas. Para o autor, nas universidades ocidentalizadas o conhecimento produzido por epistemologias, cosmologias e visões de mundo “outras”, considerados não ocidentais, são reputados como “inferiores” em relação ao conhecimento “superior” produzido por uns poucos homens ocidentais. Ainda para Grosfoguel, o conhecimento produzido por mulheres – ocidentais ou não ocidentais – é também visto como inferior e fora do elenco do cânone do pensamento. As estruturas fundacionais do conhecimento das universidades ocidentalizadas são epistemicamente racistas e sexistas ao mesmo tempo.

As observações de aulas realizadas em duas IES ratificam o anterior. Na observação do dia 16/11/2019, na IES3, presenciamos o seguinte: turma com dezoito estudantes presentes, dos quais, seis mulheres; turma heterogênea quanto à idade (entre 19 a 45 anos); heterogeneidade em relação à experiência prática no futsal, principalmente das mulheres; dos dezoito estudantes, apenas onze participaram da aula prática, dos quais só duas mulheres. Quanto à observação efetuada na IES1, em 21/11/2019, constatamos: o professor principal atuou com a 2ª turma, no ginásio, com duas estagiárias (mulheres) que anotavam o número de ações técnicas das crianças; o professor auxiliar e um estagiário (homem) acompanhavam a 1ª turma no campo de futebol 7; as estagiárias não participaram das aulas práticas no campo; o estagiário apitava os jogos e jogava quando precisavam de goleiro. Já na observação do dia 25/11/2019, na mesma instituição, verificamos: turma mista, com 45 estudantes dos quais onze mulheres; faixa etária heterogênea, entre 19 e 40 anos de idade; aula prática muito tumultuada devido ao grande número de estudantes, com três disciplinas ao mesmo tempo no ginásio; grande maioria dos estudantes com pouca experiência; apenas três meninas participaram da aula prática. (DIÁRIO DE CAMPO).

Segundo Pimenta e Anastasiou (2008), os professores quando chegam à universidade, trazem consigo inúmeras e variadas experiências do que é ser professor. Experiências que adquiriram como estudantes de diferentes professores ao longo de sua vida escolar. Contribuindo, Gomes (2010) destaca que alguns estudos sobre a constituição do ser professor



consideram que a maioria dos docentes adquiriram uma conduta na escola a partir da experiência que tiveram como estudantes, aprendizagens que hoje integram o eu profissional. Seguindo essa lógica, os professores repetem, nas suas práticas, as mesmas situações que vivenciaram quando estudantes. Assim, se a menina não jogar e não participar, não tem problema. Neste sentido, Silva e Campos (2014) apontam que comumente vemos, nas escolas, as quadras de futebol serem entregues aos meninos, enquanto às meninas é reservado um espaço periférico para jogarem queimada, vôlei ou qualquer outra coisa. Isso quando não são convidadas a assistirem os jogos dos meninos e fazerem parte da torcida durante as aulas de EF.

Esse discurso parece estar instituído no meio da EF. Considerando a teoria apresentada por Van Dijk (2012), mais uma vez enfatizamos, que os discursos podem receber distintas influências de grupos hegemônicos – como nos sistemas de ensino –, contribuindo na construção da memória social de uma determinada categoria profissional, no caso da EF, que reforçou os aspectos preconceituosos referentes à participação da mulher no futebol. Compreendemos que o professor, em seu fazer pedagógico, pode ser o mediador e o facilitador para a transformação dessas realidades, ensinando e mostrando que existem “outras” formas de agir no mundo, principalmente com ações em que todos possam participar com dignidade. Segundo J.B. Freire (2003), o importante é ensinar futebol – e bem – a todos. Como exemplo de uma prática de futebol “decolonial” citamos o trabalho realizado por Belmonte e Gonçalves Junior (2018), denominado *fútbol callejero*. Segundo os autores, o futebol moderno preconiza a separação obrigatória de sexo em sua prática justificada por características anatomofuncionais. Diferentemente, no *fútbol callejero*, homens e mulheres, bem como, pessoas mais habilidosas e menos habilidosas, são incluídos, jogam juntos/as na mesma equipe, com possibilidade de conformação das regras, favorecendo a participação justa dos/as participantes em equidade, alicerçada na convivência respeitosa, cooperativa e solidária – premissas do *fútbol callejero*. Algumas manifestações estão sendo realizadas para diminuir essas diferenças instituídas na sociedade, entre a mulher e o homem no futebol. Mas, essa prática ainda persiste, apesar de diversas atitudes e manifestações contrárias. Julgamos que esse discurso deva partir da escola, afetando estudantes, pais e comunidade escolar em geral, mas para isso, os professores, agentes transformadores, devem acreditar na premissa: “o futebol não tem gênero”.

Em relação ao preconceito machismo, nos discursos do Conjunto II, destacamos dois aspectos: a mulher é quem deve adaptar-se ao mundo do futebol e é pequeno número de mulheres que trabalham no futebol: “Machismo também, temos muitas meninas trabalhando aqui, mas eu sei que é uma exceção ter uma coordenadora técnica mulher” (CT-CF1). [...] “A visão no futebol é que mulher tem que trabalhar com mulher, e homem tem que trabalhar com homem, pois olhamos a figura e não o contexto” (CGCB-CF1). [...] “No departamento de futebol aqui no clube desde 2009, eu sou a única mulher” (CT-CF1). [...] “Aqui no clube quantas mulheres trabalham? Só a secretária. Porque não posso ter uma mulher como auxiliar? As mulheres têm capacidade

igual ou superior aos homens, mas muitas delas não acreditam que tem capacidade para trabalhar no futebol” (TF-CF2).

Em relação aos discursos referentes ao pequeno número de mulheres trabalhando no futebol profissional, apesar do futebol ser o esporte nacional, esse assunto ainda tem sido silenciado na mídia, pois são pequenos os espaços para o futebol feminino e para mulheres em cargos relacionados a esse esporte. Entendemos que este silêncio começa na estrutura do futebol feminino, com a falta de mulheres ocupando cargos de comando nas federações estaduais, na CBF, na FIFA, nos quadros de arbitragem, nas diretorias dos clubes, nos departamentos médicos, enfim, em tudo que envolve o futebol feminino. Ao refletir sobre esses fatos, verificamos que, em geral, para uma mulher fazer parte de um cargo de comando no futebol, tem que ser muito diferenciada na profissão, já para os homens basta um “bom QI”.

O discurso preconceituoso da elite branca e machista, na perspectiva da teoria de Van Dijk (2018), também se reflete no campo das oportunidades de cargos de comando no futebol feminino. Se observamos as características dos comandantes da CBF, temos: homens, brancos, da elite econômica e tradicional da sociedade brasileira. Neste sentido, julgamos que enquanto for esse o modelo de comando na CBF, dificilmente mulheres terão mais espaço no futebol. Relacionando o perfil dos comandantes do futebol brasileiro ao preconceito em relação à mulher, verificamos que esse é um discurso histórico, criado por eles e que internalizado na sociedade.

Conforme Goellner (2005), são esses preconceitos historicamente construídos pela e na nossa cultura que mantêm estas questões na atualidade. Preconceitos relacionados às representações de masculinidade e feminilidade, isto é, aquilo que cabe fazer aos homens e às mulheres na sociedade. Para a autora, o fato de o futebol ser criado, modificado, praticado, comentado e dirigido por homens, parece pertencer somente ao gênero masculino, como também o julgamento de quem pode praticá-lo ou trabalhar com ele. Segundo a autora, é como se a mulher dependesse da autorização masculina para participar. Garantimos que é na escola que poderemos reverter esse quadro relativo aos conceitos e práticas no futebol, isto é, levantar dúvidas em relação a essas verdades. É importante mostrar aos estudantes que o futebol e o acesso ao seu universo podem ser diferentes, construindo uma prática que valorize a participação da mulher no mundo do futebol, o que já se constitui num ato de ousadia no cenário atual, visando a atingir igualdade, solidariedade, companheirismo e aprendizagem.

Outros discursos do Conjunto II em relação ao machismo foram referentes à adaptação da mulher ao mundo machista do futebol: “Eu nunca senti preconceito aqui no clube. Eu acho que devemos saber que meio estamos inseridos, eu me inseri num meio de maioria masculina, desta forma eu não posso querer que as pessoas mudem tudo que se faz por causa minha” (CT-CF1). [...] “Eu não queria que o clube se adapte a mim, tivesse um vestiário só para mim, eu é que me adaptei ao clube, chegava mais cedo para utilizar o vestiário” (CT-CF1). [...] “Eles nunca mudaram a maneira de conversar porque eu estava presente, eu brinco com meu marido que sei

todas as curvas do futebol” (CT-CF1). [...] “O cara que disse que não tinha condição de trabalhar com os meninos mais velhos, depois queria que eu trabalhasse com todas as categorias, eu entendia o lado dele, entendia que não era preconceito” (CT-CF1). [...] “Também existe a questão do machismo, principalmente quando uma menina da universidade vem fazer uma pesquisa aqui, elas são todas tratadas com respeito, mas sempre tem uma piadinha, não é para denegrir ninguém, é pelo simples fato de ser de um gênero ou cor diferente” (CGCB-CF3).

Ao analisarmos os discursos do Conjunto II, em relação à mulher ocupando um cargo no futebol, verificamos como o machismo estrutural está presente nos discursos. Frases como: “devemos saber que meio estamos inseridos”, “Eles nunca mudaram a maneira de conversar”, “Eu não queria que o clube se adapte a mim”, “entendia que não era preconceito” (CT-CF1), “mas sempre tem uma piadinha, não é para denegrir ninguém” (CGCB-CF3), só enfatizam o machismo nos espaços de trabalho relacionados ao futebol. Entender que a mulher deve se adaptar ao mundo machista do futebol, e que brincadeiras de gênero não devem ser entendidas como preconceitos, só corroboram com a diferenciação entre os gêneros no futebol.

Essa fala de CGCB-CF3 – “mas sempre tem uma piadinha, não é para denegrir ninguém, é pelo simples fato de ser de um gênero ou cor diferente” – denuncia situações comuns no “mundo do futebol”, onde aparece o machismo estrutural. Não obstante, na maioria das vezes esses acontecimentos não são repreendidos e os jovens jogadores não são alertados sobre o equívoco dessas atitudes. Julgamos que se esse tipo de atitude fosse abordado de “outra” forma, contribuiríamos para um “outro” tipo de formação no futebol – estaríamos minimizando a produção de sujeitos “pés de obra” e incentivando a formação de cidadãos.

De outra parte, constatamos nos discursos do Conjunto II que, mesmo quando uma mulher está num cargo de comando no futebol, ela repete o discurso machista, seja por convicção ou para manter seu trabalho. Neste caso, nos parece que é por convicção. Essa convicção é fruto de um discurso histórico, como já exposto anteriormente e, conforme Van Dijk (2018), aprendido na EF escolar, pois, se observarmos todo o discurso a respeito do futebol na escola, ele é relacionado aos homens e a presença da mulher é ignorada ou descrita com estereótipo negativo para a prática desse esporte. Essa crença de que a mulher não deve fazer parte do futebol é reproduzido na sociedade pelos grupos dominantes de forma estereotipada, negativa e tendenciosa, mas, na maioria das vezes não é notado pelas pessoas, transformando-se no famoso discurso do machismo sutil ou estrutural.

No sentido do anterior, para Daólio (2006), no Brasil as diferenças entre homens e mulheres estão tão arraigadas à dinâmica cultural da nossa sociedade que não basta a conscientização e o desejo para efetivar o processo de mudança da realidade. Para o autor, o processo de transmissão de hábitos e valores culturais é realizado por meio de imitação que se torna força da tradição e prestígio de um determinado valor ou costume cultural. Neste contexto, para uma menina inserir-se no meio do futebol estaria indo contra uma tradição social e cultural

histórica, considerada uma atitude rebelde. Por isso, na maior parte dos casos, para as mulheres que pretendem ingressar no futebol é mais cômodo cumprir os ditames sociais e não os contestar e, assim, ser valorizada como uma pessoa bem-sucedida. Muitos são os exemplos dessas manifestações de aceitação do discurso do machismo estrutural.

Para Goellner (2005), os professores de EF já estão tão mergulhados nesses discursos preconceituosos que, ao invés de questioná-los, colaboram para legitimar sua força. Ao separarem meninos das meninas nas aulas de EF estão consolidando essas convenções dominantes. Quando silenciam a esses e outros fatos, também estão aceitando essas segregações, mistificações e convenções de que o futebol é quase exclusividade dos homens. Mais uma vez, sustentamos, apesar da forte influência cultural, que é na escola que se deve ter um novo discurso a respeito da participação da mulher no futebol, começando pela pergunta: mulher pode praticar futebol?

#### **4 Indicadores para mitigar o machismo no futebol na escola, no clube e na universidade**

Em relação aos indicadores para que o futebol possa ser um mecanismo decolonial para mitigar os preconceitos no futebol – no caso, o machismo –, ainda marcantes em decorrência da colonialidade, defendemos que uma proposta de ensino do futebol nessa perspectiva diz respeito à desconstrução do discurso de que futebol é coisa para homem, oportunizando o protagonismo feminino. Entendemos que esse seja um discurso histórico, cultural, que está impregnado na sociedade machista brasileira.

No sentido do anterior, não é raro ouvirmos que as meninas são mais dóceis e frágeis e que para elas é reservada a prática do voleibol e dança, e aos meninos, mais “ágeis” e “fortes”, a prática do futebol e lutas. Percebemos que as forças do processo de transmissão cultural reforçam os preconceitos, colaborando para que as meninas não tenham as mesmas experiências motoras dos meninos, criando-se então, uma cadeia de situações que leva à exclusão e à falta de motivação por parte das mesmas quanto à prática do futebol.

Concordamos como Daólio (2004) que, na fase anterior à iniciação esportiva, devemos oferecer às meninas os mesmos estímulos motores explorados pelos meninos, minimizando os efeitos proporcionados pelo maior envolvimento deles com diversas atividades que ocorrem não só na escola, mas em casa, na rua, no parque e no clube. Cremos que a aproximação dos conteúdos para crianças de ambos os sexos, desde o início de suas atividades físicas, possa promover uma similaridade no desenvolvimento motor, psíquico e social dos gêneros, facilitando, assim, um trabalho conjunto. Assim, sustentamos que, para desconstruir esse discurso, podemos começar na família, depois na escola, principalmente na EF escolar, passando pelos cursos de EF na educação superior, até chegarmos ao mercado de trabalho. Para isso, precisamos incentivar e dar oportunidades às mulheres para aprenderem e mostrarem suas competências. Nesta perspectiva, vamos descrever algumas experiências que vivenciamos, ajudando a desconstruir esse discurso machista.

Iniciamos com o trabalho realizado em conjunto com a aluna Ane Caroline, do curso de EF do IEFES/UFC, com o objetivo de verificar o impacto de uma proposta de ensino do futsal, nas aulas de EF escolar, para meninas do ensino fundamental I, em uma escola particular de Fortaleza. Analisamos os conhecimentos que as alunas tinham a respeito do esporte antes e após o projeto, bem como o contato com os fundamentos e as regras do futsal. Também verificamos as contribuições, na perspectiva das alunas, do processo de ensino-aprendizagem, através do futsal nas aulas de EF escolar. Partimos do pressuposto de que, ao modificar a visão da prática do futsal nas aulas de EF escolar – pautadas na segregação de atividades por gênero, na reprodução e no ensino dos fundamentos de forma individualizada –, desenvolvendo uma prática pedagógica do futsal contextualizado e realizado de modo coletivo, possibilitamos o aprender a partir de uma configuração criativa. O trabalho de campo foi desenvolvido no Colégio Santa Isabel, de Fortaleza, com uma turma de dezoito meninas na faixa etária entre nove e dez anos, do quarto ano do ensino fundamental I, em 2015. O impacto da proposta ocorreu de forma positiva, em que o envolvimento e o bem-estar das alunas foi demonstrado pelo interesse e pela prática de forma lúdica, revelando a importância do profissional e do planejamento adequado ao seu público. Ao propiciarmos brincadeiras e jogos que levassem as alunas realizarem os movimentos necessários ao esporte de forma recreativa, percebemos que esta maneira de ensinar facilitava o entendimento do futsal e que este desporto poderia ser praticado por todos, auxiliando assim no desenvolvimento motor igualitário entre os gêneros. Temos a esperança de que, futuramente, possa contribuir para um ensino mais significativo do futsal na escola, visando a romper com o ensino tradicional desse esporte e possibilitar uma formação igualitária. No ano de 2016, a aluna Ane Caroline foi contratada pelo Colégio Santa Isabel para ministrar aulas de EF na Educação Infantil.

Outro trabalho<sup>9</sup> que realizamos, este em conjunto com a aluna Ana Clara, do curso de EF da IEFES/UFC, serviu para desconstruir o discurso de que mulheres não teriam competências para treinar equipes masculinas de futsal em clubes e escolas. Este trabalho foi realizado no Colégio 7 de Setembro, em Fortaleza, no ano de 2013, com estudantes de futsal da seleção masculina sub- 11 do Colégio. O objetivo do trabalho foi desenvolver e aplicar uma proposta de processo ensino-aprendizagem e treinamento do sistema tático 2.2 e marcação individual, em uma equipe escolar masculina de iniciação no futsal. No ano de 2014, a aluna Ana Clara foi convidada a fazer parte do quadro de professores de EF do Colégio 7 de Setembro, para ministrar aulas de EF para o ensino fundamental I e treinar as equipes de futsal masculina e feminina da categoria sub 11.

Uma outra experiência que realizamos para contribuir com a desconstrução do discurso de que “futebol é só para homens”, foi a vivência como treinador e organizador da equipe de

---

<sup>9</sup> Ver Oliveira e Balzano (2014).

futsal universitária feminina da Universidade Federal do Ceará (UFC), no ano de 2012. Na época também realizamos, com uma aluna da equipe, uma pesquisa<sup>10</sup> com o objetivo de conhecermos a realidade do futebol feminino universitário no Estado do Ceará. Na UFC, o desporto de rendimento possui uma diversificada oferta de modalidades, atendendo um maior número de estudantes-atletas, e apresenta como uma de suas características o treinamento de seleções compatibilizado com a trajetória acadêmica, evitando o prejuízo do rendimento acadêmico. O Departamento de Desporto Universitário (DDU) da UFC atua incentivando a participação em competições universitárias e na implantação de bolsas de incentivo ao desporto. A seleção feminina de futsal oportuniza às alunas da UFC um treinamento orientado três vezes por semana, material para jogo e treino, quinze bolsas de incentivo ao desporto, no valor de R\$ 400,00 cada, apoio econômico para transporte, alimentação e hospedagem em competições nacionais, bem como, a participação e o pagamento das taxas administrativas, em diversas competições regionais e nacionais.

Além de todos os benefícios que o esporte pode proporcionar, encontramos também no desporto universitário, mais especificamente na equipe de futsal feminina, a oportunidade de as alunas frequentarem um curso superior e ao mesmo tempo não abandonar a prática desportiva competitiva, caso elas já praticassem antes de sua admissão na universidade. Nesse contexto, a UFC possibilita o acesso à prática esportiva, contribuindo para que elas não abandonem o esporte ao ingressarem na Universidade. Percebemos que a equipe de futsal feminina da UFC, apesar do incentivo da universidade, possui um caráter voltado ao amadorismo, sendo, para grande parte das atletas, uma atividade muito mais próxima do lazer e da continuidade da prática esportiva iniciada nas equipes escolares. Entendemos que a principal finalidade da UFC com a equipe universitária de futsal feminina é proporcionar um espaço orientado para a prática do futsal feminino, espaço tão escassos em nosso país para esse gênero.

Impera ressaltar a importância do profissional de EF nesse processo de transformação cultural, sendo um agente ativo dessa transformação, começando na escola e dando continuidade na universidade, pois a quebra desse paradigma, oportunizando o esporte a todos, sem restrição de gênero ou de quaisquer outros tipos de preconceitos, são práticas que contribuem para a desconstrução do discurso de que “futebol é coisa só de homem”.

## **5 Considerações finais**

Sabemos que ainda existe um longo caminho a trilhar para que os casos de preconceito e discriminação deixem de existir. Afinal, eles são reflexos de uma sociedade preconceituosa e machista. Sustentamos que tanto os clubes quanto as instituições de ensino devam divulgar e condenar publicamente os casos de discriminação, bem como desenvolver ações informativas e

---

<sup>10</sup> Ver Montenegro e Balzano (2012).

educacionais que visem erradicar essas ações que tanto mancham nossa sociedade.

Neste sentido, é importante, ressaltar a contribuição cultural do futebol na formação da sociedade brasileira, em especial, valorizando a participação das camadas populares e da mulher no desenvolvimento desse esporte. Assim, além da escola, as instituições de educação superior – em específico o curso de EF –, podem: valorizar e ampliar a carga horária da disciplina de futebol no seu currículo; selecionar profissionais capacitados nesse desporto; proporcionar infraestrutura adequada à sua prática; e, além da formação técnica, enfatizar a formação humana, incluindo temáticas como formação de jogadores, preconceitos e dificuldades no futebol. Acreditamos que a universidade e a escola necessitam se aproximar dos clubes, visando o compartilhamento do conhecimento, em uma “via de mão dupla”.

Nos clubes, acreditamos em um modelo de trabalho paralelo de formação esportiva e pessoal/humana de atletas da base. Nessa direção, propomos que os clubes de futebol contratem profissionais especializados, principalmente na área de EF, para aprimorar a formação dos atletas nos clubes e na escola. Profissionais que trabalhem questões de cidadania – além da *performance* de campo –, um trabalho direcionado para formação integral dos jovens (durante e pós etapa futebolística), estimulando o aprendizado de outra língua, abordando questões sobre preconceito no futebol, de economia doméstica, de investimentos, de uma postura adequada perante as mídias e de valorização da imagem junto ao público, indicando livros e filmes – re-ensinar a ler, ver e interpretar – que contribuam para a formação social, cultural e política dos atletas.

Defendemos um modelo epistêmico “outro” de ensino de futebol, na universidade e no clube, que forme futuros profissionais de EF e estudantes-atletas dentro e fora das quatro linhas do campo de jogo, criando condições para que possam, de forma crítica, experimentar modos “outros” de exercitar e aprender, em um ato existencial que valorize o todo da existência humana, o “sentipensar”<sup>11</sup>.

## Referências

ARAGÃO, C. C. **A mulher no jornalismo esportivo**: os desafios das repórteres das emissoras de rádio cariocas. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação – Habilitação em Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

BELMONTE, M. M.; GONÇALVES JUNIOR, L. Fútbol callejero: nascido e criado no Sul. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 116, set. 2018. p. 155-178. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/biblioteca/futbol-callejero-nascido-e-criado-no-sul/>. Acesso em: 20 out. 2019.

BRASIL (1998). Lei 9.615, de 24 de março de 1998. **Lei Pelé**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9615consol.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9615consol.htm). Acesso em: 2 mar. 2018.

---

<sup>11</sup> Sentipensar indica o processo mediante o qual colocamos para trabalhar conjuntamente o pensamento e o sentimento. É a fusão de duas formas de interpretar a realidade, a partir da reflexão e do impacto emocional, até convergirem em um mesmo ato de conhecimento o sentir, o pensar e o agir. (MORAES; TORRE, 2004).

BRASIL (2011). Lei nº 12.395, de 16 de março 2011. Altera as Leis nº 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto, e nº 10.891, de 9 de julho de 2004, que institui a Bolsa-Atleta; cria os Programas Atleta Pódio e Cidade Esportiva; revoga a Lei nº 6.354, de 2 de setembro de 1976; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 17 mar. 2011. Disponível em: <https://goo.gl/WskLZV>. Acesso em: 24 maio 2019.

CAMPOS, P. A. F. **Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão**. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/DATA/defesas/20150710194959.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2019.

CARVALHO FILHO, V.; FERNANDES, F. K.; MAGALHÃES, A. W. C.; IPIRANGA, A. S. R. Engajando Administração aos Estudos Decoloniais: um panorama atual e os principais desafios para a área. XVIII SEMEAD, 18, 2015, São Paulo, In: **Anais...** São Paulo, Brasil, 2015. Disponível em: <http://sistema.semead.com.br/18semead/resultado/trabalhosPDF/951.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2019.

CHAVES, A. S.; CAPRARO, A. M. O futebol feminino: uma história de luta pelo reconhecimento social. **Revista Digital EFdeportes**, Buenos Aires, a. 12, n. 111, ago. 2007. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd111/o-futebol-feminino.htm>. Acesso em: 20 set. 2019.

DAMO, A. S. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro”. In: **Movimento (Revista da Escola de Educação Física/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 129-56, maio/ago. 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2807>. Acesso em: 8 abr. 2019.

DAÓLIO, J. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

DAÓLIO, J. **Cultura: educação física e futebol**. Campinas, SP: UNICAMP, 2006.

FALS BORDA, O. **Ciencia propia y colonialismo intelectual**. México: Nuestro Tiempo, 1973.

FREIRE, J. B. **Pedagogia do futebol**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/pef/article/view/106>. Acesso em: 10 dez. 2019.

GOMES, A. C. Constituir-se professor: a influência da história de vida e das práticas pedagógicas na formação docente. **Anais do II Seminário de Pesquisa do NUPEPE**. Uberlândia/MG, p. 51-65 21, 2010. Disponível em: <https://slideplayer.com.br/slide/1849729/>. Acesso em: 22 mar. 2020.

GROSGOUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Soc. Estado**. v. 31, n. 1, jan./abr. p. 25-49, 2016. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922016000100025](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922016000100025). Acesso em: 15 fev. 2019.

MENEZES, I. T. O projeto familiar de ser jogador de futebol a partir de uma leitura interseccional. **19º Congresso Brasileiro de Sociologia**, 9 a 12 de julho de 2019. UFSC – Florianópolis, SC, GT Sociologia do Esporte, In: **Anais [...]**, 2019. Disponível em: <http://www.sbs2019.sbsociologia.com.br/site/anais2?AREA=41>. Acesso em: 5 maio 2020.



MONTENEGRO, N. R.; BALZANO, O. N. (2012). Futsal feminino universitário no Ceará: análise comparativa entre o perfil de equipes de universidade pública e privada. **Revista Digital EFDeportes.com**, Buenos Aires, Año 17, n. 173, oct. 2012. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd173/futsal-feminino-universitario-no-ceara.htm>. Acesso em: 30 jul. 2020.

OLIVEIRA, A. C. A. de; BALZANO, O. N. Proposta, intervenção e avaliação para o processo de treinamento de equipes na fase de iniciação no futsal. **Revista Digital EFDeportes**, Buenos Aires, Año 18, n. 190, mar. 2014. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd190/proposta-de-iniciacao-no-futsal.htm>. Acesso em: 30 jul. 2020.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. das G. C. **Docência no Ensino Superior**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PIZARRO, J. O. **Decolonialidade e futebol**: a quebra da lógica periferia-centro. Trabajo presentado en el Quinto Congreso Uruguayo de Ciencia Política, “¿Qué ciencia política para qué democracia?”, Asociación Uruguaya de Ciencia Política, 7-10 de octubre de 2014. Disponível em: <https://docplayer.com.br/6519065-Decolonialidade-e-futebol-a-quebra-da-logica-periferia-centro-1.html>. Acesso em: 14 mai. 2018.

SILVA, S. R. da; CAMPOS, P. A. F. Futebol e a Educação Física na escola: possibilidades de uma relação educativa. **Revista Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 66, n. 2, jun. 2014. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252014000200015](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252014000200015). Acesso em: 14 set. 2019.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. São Paulo: Contexto, 2012.

VAN DIJK, T. A. Análise crítica do discurso multidisciplinar: um apelo em favor da diversidade. **Linha d'Água**, n. 26 (2), p. 351-381, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/65164>. Acesso em: 14 abr. 2018.

VAN DIJK, T. A. (org.). **Racismo e discurso na América Latina**. 2. ed. 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2018.

Artigo recebido em: 20/10/2021

Artigo aceito para publicação em: 16/12/2021